

JORNAL: J. Globo LOCAL: Quamabara

DATA: 13 / 12 / 1961 AUTOR: Marcos André

TÍTULO: Bazar - No Esplendor de uma Residência.

ASSUNTO: Ivan e Grauben numa recepção em casa de Roberto e Fontina Albano.



# BAZAR

De  
MARCOS  
ANDRÉ

NO ESPLENDOR DE UMA RESIDÊNCIA

DIANTE DÊLE, EM MATÉRIA DE ARTE DECORATIVA, tiro todos meus chapéus, desde a cartola de pêlo e o claque ao de palha (à Chevalier), passando pelo chapéu coco, o "hamburg", o de diplomata (bicórnio com "plumitas" e tudo), o de Panamá e até um tibetano de "vison" que eu trouxe, por brincadeira, de Srinagar. Não resisto e vou contar a história desse chapéu tibetano. Lá perto, junto ao Himalaia, em Leh, é muito comum a poliandria. Conforme os usos da terra, cada mulher pode ter até oito maridos ao mesmo tempo. Não há ciúmes, nem dramas. Às vezes, os maridos até são irmãos... E o chapéu tem muita importância na paz conjugal, pois quando um dos maridos está em idílio com a esposa deixa na porta, pendurado, o tal chapéu de "vison" igual ao meu, para não ser "disturbed" pelos outros... Agora que já contei a história do meu chapéu tibetano, retomo o fio da meada. Pois diante dêle, nesse assunto de decoração, tiro todos os meus chapéus. Dêle discordo muitas vezes em matéria de etiqueta e boas maneiras, porque não raro tenho visto mortais irritados a ponto de terem ganas de esganá-lo... Não gosto quando o vejo bancar a Emily Post ou agora o nosso Marcelino de Carvalho, autoridade consagrada no assunto depois do sucesso do seu livro; porém, quando toca à decoração, fico quieto e escuto-o como se estivesse ouvindo o Oráculo de Delfos ou aquela maluca, mas sábia, Cassandra...

E FOI ASSIM, NA OUTRA NOITE, quando entramos, para jantar, no imenso apartamento de Roberto e Fantina Albano (na aristocrática Avenida Rui Barbosa), cujo ambiente é uma das últimas criações do decorador. Foi como se estivéssemos comparecendo à "première" de uma peça de autor em voga como Françoise Sagan ou Tennessee Williams. Cada convidado era um crítico e, creio, o decorador e os donos da casa sofriam as mesmas torturas que sofrem os autores, os diretores e os intérpretes numa noite assim. Os convidados não eram de gosto fácil.

Basta citar seus nomes: José Alberto Gueiros comentando o talento e o brilho do jovem advogado Evaristo de Moraes Filho, que faz jus ao grande nome que herdou; e sua linda esposa, Miriam, que é uma pintora de classe; Ivan Serpa, o conhecido abstracionista, professor do M.A.M.; Grauben, revelação da pintura primitiva; o Dr. Edgard de Almeida, psiquiatra, bom amigo e um dos grandes colecionadores de belos quadros no Brasil, e sua bela e suave esposa; a Marquesa Madalena Pellicano, Bomilcar como a dona da casa, Fantina, e como Grauben, a pintora; Elsie Lessa, deslumbrada com a viagem ao Sul, de ônibus, e Ivan Pedro Martins, cujo livro, "Fronteira Agreste", custa-se a encontrar nas livrarias; e Tomás e Madalena Ribeiro Colaço, sendo que Tomás maravilhou os convidados com seus sonetos repentistas, cheios de "verve" (às vezes até, quando possível, bocagianos...). Mas voltemos ao artista que, mais uma vez, fez um trabalho de bom-gosto e esplendor, capaz de rivalizar com outras belas realizações suas, como as casas dos irmãos Joaquim e Guilherme da Silveira, em Bangu; ou a casa de Jorge Prado, no Guarujá; ou ainda a casa dos Polland, na Gávea; ou dos Holzmeister, perto do Gávea Golf. É uma arte mágica, a sua, pois joga com as cores, as linhas e as formas com uma perfeição, com uma exatidão quase matemática. Pessoalmente, tem um "sense of humour" às vezes wiliadiano, outras vezes shawiano, que vai da "blague" ao desafôro que desarma pela graça. Admiro-lhe a paciência ao aturar as impertinências e as exigências de suas elegantes clientes, porém, não aprovo, já disse, quando o vejo dar regras... É elegante e sobre seus ombros caiu o manto de Henrique Liberal, o precursor, aquele que ensinou a gente elegante do Rio a morar bem. E relendo esta crônica verifico que esqueci de dizer quem é ÊLE. Ora, com certeza já adivinharam. O nome dêle é Júlio Sena. E, sem querer, fiz-lhe um retrato que, se não fôr justo, é, pelo menos, parecido.